

COIMBRA

11

1935

302

Coimbra

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

ANO III

20 DE SETEMBRO DE 1935

N.º 18

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)
Administrador: **JOAQUIM DUARTE DE OLIVEIRA**

Composto e Impresso na
Casa Minerva — Coimbra

ECOS

O conflito italo-etiope

ECOS

Regressaram já a Coimbra, muitos estudantes. A cidade, em especial, a Alta, após dois meses de letargia, apresenta de novo a sua vida mais activa e mais dinâmica, de burgo universitário.

O Curso de Férias foi, este ano, duma maneira geral, alguma coisa de superior aquilo que era nos anos transactos. Confor-

No próximo dia 21 estarão em Coimbra os membros do Congresso de Zoologia que ora se reúne em Lisboa. Aos sábios de todos os países, que virão em romagem à Lusa Atenas, endereçamos as nossas mais cordeais saudações, esperando que o velho burgo universitário lhes cause a melhor das impressões.

E ao ilustre mestre da Universidade de Lisboa, sr. dr. Artur Ricardo Jorge, as nossas calorosas felicitações pelo triunfo que constitui este congresso.

Visitou a nossa redacção o nosso presado amigo sr. dr. Falcão Machado, professor dos liceus em Lisboa e antigo estudante de Coimbra.

Apresentando-lhe os nossos cumprimentos agradecemos-lhe a honra da sua visita e a colaboração que gentilmente prestou a este número.

Encontram-se em Coimbra os srs. drs. Humberto Araujo e Henrique de Brito Camara a quem abraçamos com prazer. Os nossos cumprimentos.

Horas negras de incerteza teem soado, ameaçando, com o seu badalar sinistro, a paz do Mundo. O conflito italo-etiope provoca grande ansiedade em todos quantos não teem interesse numa guerra.

E' sobejamente conhecida a marcha dos acontecimentos, para que se volva a relatar; mas a verdade manda que se diga que, se não hoje, amanhã, e com outro motivo, a guerra reventará.

As causas são sempre as mesmas: as ambições desmezuradas, as necessidades insatisfeitas, as susceptibilidades feridas.

No caso presente, duas se movem: as ambições da Itália, que pretende aumentar o seu prestígio e o seu poderio militar e político, e as suas necessidades de território para onde extravase um excesso de população que já não cabe na Itália, e donde se extraíam matérias primas que a vida económica e o progresso da Itália solicitam.

Procurando bastar-se a si própria, a Itália tenta produzir tudo o que carece; mas, como lhe faltem matérias primas estranhas, pensa ir buscá-las onde as houver, não as importando de países estrangeiros mas de territórios seus; porém, os seus territórios coloniais, excessivamente desérticos, não lhas fornecem e daí, a necessidade que a Itália tem de *colónias suas* que lhas proporcionem.

Assim, com o pretexto do atrazo de civilização da Abissínia, a Itália deseja conquistar o velho império africano e redazi-lo á categoria de colónia.

Isto feria as saseptibilidades abissínicas, o legítimo desejo de ser independente e, daí, o conflito, em que a Itália luta pela satisfação das suas corências e a Abissínia pela sua independência.

A S. D. N. intervem: as nações pronunciam-se contra a Itália, todas, excepto a Hungria.

Atraz d'este conflito que viria? Uma lata de raças, em que os *coloridos* africanos, secundados pelos índios e malaios, sob a superior direcção do Japão, procuraríam dominar os brancos da Europa e da América?

Uma convulsão social, da extrema esquerda, alimentada pelo dinheiro e pelas doutrinas da Rússia, destraindo a estrutura das sociedades ditas conservadoras e capitalistas, acompanhada de inevitáveis hecatombes?

Quem sobera adivinhar!

E na emergência de qualquer destes dois acontecimentos, senão da sua mátua confluência, na perspectiva dum regresso á barbarie preferê a

(Conclui na pág. 8)

A imprensa de todo o mundo disse palavras de saídade e de admiração pela Rainha Astrid da Bélgica. Em toda a parte se avaliou a intensidade da dor que feriu Leopoldo III que, numa hora trágica, desfez para sempre o seu ninho de amor.

Dificilmente tragédia alguma seria tão sentida e tão chorada. Por nossa parte, associamo-nos comovidos ao luto dos belgas.

Depois de dois meses de férias eis-nos novamente dispostos a trabalhar com todo o entusiasmo e desinteressadamente no sentido de que «Coimbra» continue a levar aos nossos leitores — quasi na totalidade antigos estudantes de Coimbra — notícias da terra a quem devem o lugar que hoje disfrutam e onde passaram a mais saudosa quadra da sua juventude.

«Coimbra» continuará, pois, a viver e será o meio pelo qual se fará o intercâmbio entre os homens cultos do paiz.

Ao iniciar o terceiro ano da sua publicação, cumprimenta afectuosamente os seus leitores, os seus assinantes e os seus colaboradores.

Val por todo o mundo, caminhando a passos gigantescos, o tantasma avassalador da guerra!

Que ao menos de entre o tumulto que se apróxima, nós consigamos sair gloriificados como sempre ou maiores ainda do que nunca!

Estudantes: ao fazerdes as vossas compras deveis preferir sempre as casas que o vosso jornal anuncia. Assim lhe prestareis ótimo auxilio.

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania

Grandes fábricas de bons produtos ceramicos de
Todos os generos e para todos os usos



Lisboa Porto Coimbra
Braga Setubal
Faro Portimão etc., etc.



A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ

(As fábricas da Estação-Velha vendem os seus produtos
por intermédio do comércio e directamente aos consumidores)

RECOMENDAMOS

Pelas suas ótimas instalações e pela modicidade dos seus preços

Hotel Avenida

Uns dos melhores e mais bem situados de Coimbra

Coimbra Hotel

Próximo da Estação Nova, dispondo dos melhores confortos

Recomendados pela **Sociedade de Propaganda de Portugal, Automobile Club de França e Automobile Club de Anversois**

Proprietário-Gerente: **FILIPE PAIS FIDALGO**

Concessionário dos esplendidos **Bar-Norte** e **Bar-Sul** da Praia Fluvial de Coimbra

Musica variada!

A última palavra em elegância e modernismo!

Tele { fone: 18
gramas: Hotelavenida

...talvez saia dali qualquer coisa

A Faculdade de Letras, aquele belo edificio que fica junto da Universidade e, portanto, à vista de todos aqueles que visitam Coimbra, tem na sua frente um bocado de terreno que deve vir a ser ajardinado num futuro mais ou menos proximo.

O que é certo, porém, é que o seu estado actual já se vem prolongando há imenso tempo, e as ervas daninhas que por ali existem em franca camaradagem, já vão tendo barbas brancas!

Aqui há tempos a imprensa local alarmou-se bem justificadamente, arrastando a opinião pública; é que, depois de muito clamar e protestar contra aquela porcaria, em certa manhã, foi descoberto um operário iniciando as obras, pelo que tãda a gente deduziu que o seu emprego era vitalicio!

Mas enfim, lá chegaria o dia em que aquilo ia ficar bonito...

Tempos depois, surgiu a primeira pedra duma futura parede; depois uma segunda... e não sei se uma terceira!

Aquilo, porém, não era para valer!

Uma comissão de engenheiros veio ali e mandou arrancar as pedras para serem colocadas meio metro mais abaixo.

Desta vez... talvez saia dali qualquer coisa!...

O Monumento ao Grelo

A Comissão Central da Queima das Fitas, entre os números do programa de festas realizado êste ano, inaugurou no Parque da Cidade um monumento comemorando o 1.º Centenário do Grêlo.

Tãda a gente admirou o monumento que durante muitos dias se conservou no local onde foi inaugurado, exposto ao tempo e dando mostras de que bem pouco era o zêlo que injustamente lhe dispensavam; alguém reparou no facto e lembrou que êle bem merecia ser conduzido para onde pudesse ficar em melhores condições de conservação.

Finalmente veio para o átrio da Associação Académica afim de lhe ser dado o destino que lhe estava indicado.

E é triste registar êste facto pelo que tem de revoltante: o referido monumento, que tanto tempo se conservou intacto no Parque, quasi lançado ao mais completo abandono, uma vez dentro da nossa casa, logo um selvagem ignorado o danificou arrancando e partindo as letras, duma inscrição que êle tinha!

Em tãda a parte há selvagens!

Café Restaurante

SANTA CRUZ

Aberto até às 4 horas da manhã

Serviços de casamentos, batisados,
bailes, etc.

Encarrega-se de banquetes para
qualquer numero de pessoas

O restaurante
preferido pelas suas instalações
e pela sua cosinça

Em Lisboa o Hotel preferido
pelos Estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlantico Hotel

Cosincha higiênica

Quartos esplendidos

Preços especiais

para excursões

RUA DA GLORIA, 3

LISBOA

SEGURE
OS SEUS AUTOMOVEIS NA
DOURO COMPANHIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1834

Agencia geral — 148, Rua Ferreira Borges, 1.º — COIMBRA

Na Curia

Uma carta

Ex.^{mo} Sr. Dr. Santos Jacob.

A Associação Académica de Coimbra, concorrendo pela primeira vez em natação e em competencia com clubs da especialidade, conseguiu estreitar-se com brilho sendo muito victoriados os seus nadadores.

Promovidos pelo Curia Palace Sport Club, de que é director o sr. Gil de Almeida, realizaram-se no domingo último, na piscina praia «Paraíso» da Curia, importantes festivais, a que deram valioso concurso o *Club Nacional de Natação*, de Lisboa, o *Boavista Foot-Ball Club*, do Porto, a *Associação Académica de Coimbra* e o *Rancho dos «Esticadinhos»* de Cantanhede.

Pelas 10,45 horas — com uma assistência numerosíssima, onde se contavam muitas famílias de Coimbra — teve inicio a parte desportiva com a apresentação da equipe da Associação Académica, feita pelo sr. António Borrecho, professor de natação na piscina Paraíso, sendo seguidamente apresentadas as equipes do Boavista e do Club Nacional de Natação.

Feitas as saudações, tóda a assistência rendeu colorosos aplausos aos atletas dos tres clubs após o que se deu principio ás provas de natação.

Naquelas em que a A. A. se fez representar, e cujos resultados damos a seguir, os estudantes portaram-se com grande valentia, tendo do seu esforço resultado mais uma posição honrosa para a nossa velha Academia.

Foram os seguintes, esses resultados:

66 metros, bruços — 1.º António Costa, do B. F. C., em 58 segundos e $\frac{2}{5}$; — 2.º José Costa, do C. N. N., em 58^s e $\frac{3}{5}$; — 3.º António Roquete, da A. A., em 59^s.
33 metros, livres, infantis — 1.º Vilarel, do C. N. N., em 23^s e $\frac{4}{5}$; 2.º Vantaciet, do C. N. N., em 24^s; 3.º Peixoto, da A. A.

100 metros, livres — 1.º Adalberto Dembeck, da A. A., em 1^m 19^s e $\frac{1}{5}$; — 2.º Manuel Fonseca, do C. N. N., em 1^m 21^s e $\frac{3}{5}$.

5×33 metros, em cinco estilos — 1.º C. N. N., em 1^m 59^s e $\frac{2}{5}$; 2.º B. F. C., em 2^m 8^s e $\frac{2}{5}$; 3.º A. A., em 2^m e 12^s.

100 metros, bruços — 1.º António Costa, do B. F. C., em 1^m 32^s; 2.º Coperta, do C. N. N., em 1^m 32^s e $\frac{2}{5}$; 3.º António Roquete, da A. A., em 1^m 35^s e $\frac{2}{5}$.

5×33 metros, livres — 1.º C. N. N., em 1^m 52^s e $\frac{1}{5}$; 2.º A. A., em 1^m 54^s e $\frac{2}{5}$; 3.º B. F. C., em 1^m e 55^s.

Terminou a parte desportiva com um desafio de «water-polo» em que o Boavista bateu o Club Nacional de Natação por 5-3.

A meio das provas o Rancho dos Esticadinhos, de Cantanhede, exhibia-se com extraordinário brilho nas suas danças regionais, tendo merecido da assistência calorosos e justos aplausos.

Ao jantar, esplendidamente servido pelo Palace Hotel da Curia e que decorreu com grande animação, trocaram-se amistosos brindes entre os clubs que tomaram parte nas provas, num ambiente de esplêndida camaradagem desportiva.

Venho, por este meio, prescindir do cartão de livre-transito que V. Ex.^a verbalmente concedeu a este jornal, mas que ainda não recebemos.

Mais venho esclarecer que, se lembramos a V. Ex.^a a concessão dessa regalia — concessão que é uso fazer-se a todos os jornais — não foi porque lhe atribuíssemos qualquer valor material, mas sómente por pensarmos que apenas a um equívoco se devia a menos consideração que dessa falta resulta para connosco.

Sem outro assunto subscrevo-me att. ven.^{or} e obg.

Pela Direcção

Jorge de Moraes

N. R. A carta que transcrevemos e que fomos forçados a enviar ao sr. dr. Santos Jacob, não carece esclarecimentos. Lembramos, no entanto, que «Coimbra», jornal de estudantes, orgulhoso da classe que representa e de ver nas suas colunas os nomes insignes dos Mestres da nossa Universidade, não se compadece com pretensas provas de desconsideração que lhe sejam dirigidas seja por quem fôr, pelo que as repudia com tóda a energia compatível com a educação dos seus redactores.

O livre-trânsito diz respeito à praia fluvial e foi concedido a todos os jornais de Coimbra e a alguns de fora.

A' noite teve logar um baile que se prolongou até altas horas e no qual foram distribuidas duas taças aos vencedores das provas de natação.

O Rancho dos Esticadinhos fêz-se ouvir então em variados números do seu repertório, sendo applaudidos com o maior entusiasmo. Destacamos, porém, entre as canções, um fado primorosamente cantado pela sr.^a D. Maria do Carmo Vidal Negrão e pelo sr. Manuel Vidal Negrão, que agradou imenso e teve que ser repetido.

E' de notar que este rancho é constituído por pessoas distintas de Cantanhede e que dele fazem parte antigos estudantes de Coimbra. Tem alcançado sempre os primeiros prémios em competição com outros ranchos, tendo a sr.^a D. Natália Rodrigues Coelho conquistado no Porto, para o seu rancho, o segundo prémio de beleza.

E assim terminou a linda Festa da Curia, realizada num dos ambientes de mais encanto do centro do país, e da qual guardamos as melhores recordações!

Resta-nos felicitar o sr. Alexandre de Almeida e seu filho Gil de Almeida pela sua feliz iniciativa, e agradecer-lhes em nome dos estudantes que lá foram e em nosso nome, as atenções e delicadezas que tão gentilmente nos dispensaram.

A VIDA TUMULTUOSA DUM CONEGO REGRANTE DE SANTO AGOSTINHO

D. Luís dos Mártires professara no Real Mosteiro de Santa Cruz dos Cónegos regrantes de Santo Agostinho a 18 de Janeiro de 1718. Prometeu então, consoante a regra lhe ordenava, ser temente a Deus e observar sempre a leal obediencia aos seus prelados. Porém, decorridos oito anos, a 11 de Fevereiro de 1726, era proferido contra êle um libelo accusatório que o levou aos cárceres do mosteiro. E' que D. Luís dos Mártires, durante o seu tempo de hábito, «fazia taõ público desprezo das obrigações de religiozò que já mais em tempo algum (excepto aquelle em que assistio ao Coro) recitára o officio divino...»

Em 1718, sendo ainda conventual do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra da cidade de Lisboa, pronunciára uma quasi proposição herética, asseverando que o Sumo Pontífice não podia sanar a eleição de Prelado algum em que houvesse mediado qualquer dos impedimentos do capítulo 2.º da nova constituição. Para além das heresias, pairava ainda o seu comportamento. Assim, no mesmo Real Mosteiro de S. Vicente, puxára, por várias vezes, duma faca de ponta, ameaçando com ela os seus Prelados por estes o repreenderem. Advertiram-no de tal facto, aconselhando-o a desfazer-se da faca, porquanto o seu uso era condemnado pelas disposições dos Sagrados Cânones e Concilio Tridentino e pela *questio 22 D. Thomae Aquinatis*. Ao que êle ripostou que não podia subsistir o preceito positivo da Igreja, porque era a defeza *jure natural*.

No Real Convento de Grijó não deixara também bõa fama de si. Duma vez, feriu com uma catana o padre Mestre dos Noviços D. Atanásio da Glória e êste, desde então, passou a sofrer de *lezão no Juizo*.

Frequentes vezes abandonava o mosteiro sem licença dos seus Prelados, atraindo mulheres ao couro e subúrbios da casa. Ele e outros que o acompanhavam chegaram, até, a incendiar as casas de dois lavradores que o advertiam de factos tão escandalosos. Rodeado duma quadrilha de malfeitores, promovera o assassinato de Caetano Roiz Ervilhaca, de Páramos e de Luiz Alberto Tavares da Póvoa, dos Carvalhos. Foi êle ainda o cabecilha da desordem em que foram espancados o Padre Prior D. José de Santa Helena e o Padre Vigário do Côro D. João de Santa Rosa.

No mesmo dia da desordem — 14 de Maio de 1719 — appareceu aberto o cofre dos depósitos do convento, donde haviam roubado dois contos. Recolheu D. Luiz dos Mártires ao cárcere daquele Convento de Grijó, para averiguações. Mas nem aí descansou: por vingança, destruiu «huma Livraria de Iluminações» (*manuscritos illuminados*) que era de canto-plano e exercicio festível das mayores celebridades do tempo, cuja perda foy avaliada em sete centos e noventa mil reis que por elle mandou pagar a vertude generosa do preclarissimo Senhor Conde de Castello Milhor Luiz de Souza, seu tio...»

Por tais factos lhe foi lida a primeira sentença de corrigibilidade. Afiançaram-no por ter feito termo de emenda.

A emenda, porem, é que jámais lhe chegou. O rendeiro do Convento havia levado do convento de Monchique, do Porto, uma criada para sua casa. Vai o frade e roubou-lha, — apontando uma clavina ao peito do rendeiro, para êle nada contar! Passou, então, a viver de casa e pucarinho com a moça, para o que abandonava constantemente o mosteiro. Insultava todos aquelles que procuravam leva-lo ao bom caminho. Valendo-se da costumada argúcia, dizia que a

clausura não se quebrava com a saída do mosteiro mas tão sómente com a intenção de não mais voltar.

Porque deu uma bofetada e alguns murros ao Padre D. António de Santa Ana, de novo recolheu aos cárceres de Grijó e foi-lhe lida a segunda sentença de corrigibilidade, a que se seguiu, da sua parte, a assinatura dum novo termo de emenda. E a emenda não chegou ainda...

Da sua lassidão de hábitos e costumes falam ainda outras aventuras:

Em Guimarães, apparecia na rua feito secular, associando-se com mulheres de má nota, assassinos e ciganos, A' porta da colegiada, descompôs, certo dia, um cónego, com grande escândalo. Com dois seculares, assaltaram os officiaes de Justiça que conduziam uns prêsoes através da Serra de Santa Catarina. Furtou uma donzela em Pombeiro, disparando clavinas sôbre os seus pais. Ainda com tiros de clavina, resistiu às justias de Sua Magestade do Porto e de Vila Real e também ao juiz-de-fóra de Guimarães.

Falsificou duzentos e quinze juramentos, para assim perturbar o bom andamento dos trabalhos de reforma da congregação. Sempre que o prendiam, encontravam-lhe pistolas, bacamartes, clavina, punhal, catana e faca de ponta e mola. Violou o voto de castidade nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra e nas vilas (*ao tempo*) de Santarem e Guimarães. Prêso e pela 3.ª vez sentenciado, pela 3.ª vez também assinou o termo de emenda. A todo o transe procuravam chamá-lo ao bom caminho. Os seus irmãos de ordem desejavam salvá-lo, arrastando-o ao meio lodacento em que vivia. Nada conseguiram.

De tão infames que são, não podem ser aqui citados outros crimes que cometeu. Até que finalmente, a 30 de Março de 1726, tendo em atencão o prestígio da ordem, o bom nome da Igreja e a defeza da sociedade, o Reverendo Padre Geral D. Bernardino dos Anjos, Cancellário da Universidade e Prior do Mosteiro de Santa Cruz, junto em capítulo privado com os Definidores e adjuntos no mesmo real mosteiro, ordenou, *Christi nomine invocato*, «que o R. D. Luís dos Mártires seja expulso da... Comp.ª, Santissimo hábito da Religiosissima Congregação *ne contagione prestifera plurimos perdat*. E assim o *expulsaram da Ordem* como membro corrupto que dela ficando privado, não *ad tempus*, mas para sempre de todo o grão que tivesse, ou tenha, ou de outra qualquer ordem se a gozasse e uzará do hábito clerical a cuja esphera fica reduzido; e mais outro sim o degradamos por toda a vida para os estados da India aonde queremos viva sem algum prejuizo nem operação ou captura, nem por esta Sentença lhe poderaõ impôr gravame algum que diga subjeição secular».

Acabá aqui a sentença condenatória de D. Luís dos Mártires. Duma cópia dela, que pertenceu à livraria dos Agostinhos descalços de Coimbra, extratámos as notas acima reunidas. Em letra diferente, acrescentaram a essa cópia a nota seguinte:

«Sábio da Religião, ficou no Século, continuou nas travessuras, foi prezo na Torre do Bujio por muitos annos, no perdão geral do Governo de El-Rey D. Joze no fim da sua vida, quando se soltarão todos os prezos, também sábio, e examinando quem era, o mandarão recolher a Mafra, onde estavam os Cónegos Regrantes, e secularmente viveu até à morte na idade pouco mais ou menos de oitenta annos, com o nome de D. Luis de Vasconcellos».

E de tal forma acabou a sua vida tumultuosa D. Luís dos Mártires, que foi bem um padrinho endiabrado.

Sabonetes e Perfumarias

USANDO

NALLY**USA
BOM**

A
FARMACIA
LUCIANO & MATOS
E A
DROGARIA CENTRAL
TEEM EM STOCK TO-
DOS ESTES ARTIGOS

LOTARIA**400.000\$00**

estão à venda na casa

COSTA LIMITADAAos melhores preços do mercado
Condições especiais para revenda

Dirijam os seus pedidos a

Costa Limitada

FILIAL DE COIMBRA

2, Largo Miguel Bombarda, 8**Colégio Alexandre
Herculano**

Coimbra

Internato para meninas e externato
para ambos os sexosReabrem as aulas no dia 7 de Outubro,
começando o prazo para as matriculas
no dia 1.

Telefone 742

Foto Rasteiro

Telefone 565

Avenida Navarro, 47
COIMBRAPremiado com medalhas de ouro
nas exposições:**Universal de Milão
Ibérica da Corunha
Congresso Beirão de Coimbra
e Castelo Branco****Alfaiataria Coimbra**Fazendas
Nacionais
e Estrangeiras

Rua Ferreira Borges, 9-1.º Telef. 867

COIMBRA

FARMACIA DO CASTELO

COIMBRA

Depósito de instrumentos
e mobiliário cirurgicos
Aparelhos de electricidade médicaPreços de absoluta concorrência
com as casas de Lisboa e Porto**AUSTIN 1936**

EM EXPOSIÇÃO NA

Comercial Coimbra, Limitada

Rua da Sofia, 149 - Telefone 381 - COIMBRA

A câmara de 1569 empenhou o tinteiro, a campainha e o areeiro de prata...

Talvez não acrediteis! também foi uma surpresa para mim o acordo de 26 de novembro de 1569, surpresa que ia subindo de ponto á medida que eu ia decifrando lentamente, trabalhosamente a letra arrevesada de João Gonçalves de Sequeira, escrivão da câmara.

Corria triste o ano da Peste Grande, que desde janeiro de 1569, dois anos após a subida do moço D. Sebastião ao trono português, dizimava a gente de Lisboa, chegando a matar no auge da epidemia, aí por julho, para cima de 60 pessoas por dia e da capital alastrava rapidamente por todo o Portugal.

A edilidade coimbrã constituída por Simão de Olivença, vereador e juiz pela ordenação, Rui Lopes do Basto, Antonio Leitão, Pedro Barbosa, vereador pelo Corpo da Universidade, onde era lente, Simão Travassos, procurador da Cidade e pelos dois procuradores do povo, Jeronimo Francisco e Diogo Vaz, batia-se galharda e inteligentemente, defendendo a cidade, cujas portas, bem vigiadas, não foram forçadas pela peste, que era a peste bubónica e da mais refinada, no dizer dos inéδικos velhos e experimentados, porquanto, os novos, esses, atribuíam a doença às chuvas e à invernia pegada, características do inverno desse ano — opinião sustentada por uns e outros perante o moço rei quando chamados à Alcáçova Real para dizerem de sua justiça.

A câmara cumprira honradamente o seu dever nomeando o guarda-mor da saúde e encarregando-o da profilaxia e hygiene cidadinas.

Porisso mesino, sentiu-se fortemente ferida no seu brio e honra, quando, surpresa, recebeu uma provisão régia nomeando para guarda-mór da saúde o desembargador Doutor Heitor Borges, então em Coimbra, superintendendo na execução do Cano Real, como ao tempo se dizia ou seja o Aqueducto de D. Sebastião, essa mole monumental e elegantíssima, de vinte e tantos arcos, erguida sobre as ruínas do antigo Aqueducto romano e destinada a abastecer d'agua quasi toda a cidade. Açodada, reuniu-se toda a câmara, chamada a toque de sino, segundo seu *boõ e antigo costume*, na Torre da Vereação ou Relação, mais a nobreza, fidalgos, cavaleiros, cidadãos e mais os do vinte e quatro do povo, para praticar sobre o caso insólito.

E assentaram, ás mais vozes, não se dar por emquanto posse ao desembargador Heitor Borges, curiosa personagem organizadora e d'ação, sem que primeiro o monarca fosse informado do bom andamento das coisas da saúde e do mau efeito produzido na cidade por tal nomeação, num momento em que o estado sanitario não explicava tal medida.

Para isso delibera a câmara enviar a Lisbõa com papeis para el-Rei o Vereador Manuel Leitão e Pedro Afonso, representante do povo, mas estes não querem ir sem subsídio para viagem e estadia, como hoje diríamos, em face do que a câmara vota a quantia de 500 reis diários para as despesas do vereador e a de 500 reis para as de Pedro Afonso, istoé 650 reis diários ao todo, quantia que, embora pequena, o tezoureiro verifica não existir no fundo da arca.

E' então que (com espanto meu e vosso, certamente) concordam os edís em penhorar os objetos de prata da sua mësã: o tinteiro, a campainha e a poeira, ou seja o depósito de areia, que fazia as funções de *chupa-tinta*.

Eis o incrível documento, dolorosa testemunha das calamidades do tempo, atasinha anodina, na aparên-

← Além →

*Quantos rogos repete a toda a hora,
A Deus e à sua essencia sublimada,
O meu sentir, ainda que vedada
Me seja a aspiração que me devora!*

*Se a minha mente cria, mas ignora
A perfeição que a traz enamorada...
Se tudo me dirige á forma errada
Do conceito real que me apavora!*

*Desejo mais! A vida me seduz,
Somente no que espargue alguma luz
Nas nossas almas tristes de captivos...*

*Capricho involuntário do meu ser:
Ai quem pudesse um dia o vôo erguer
E atingir infinitos sucessivos!...*

Coimbra, 1935

J. PEREIRA

cia mas que nos sugere num instante a peste, a fome, a guerra, a perda da independência e o cativo de sessenta longos anos às mãos pesadas dos Felipes...

«E logo na dita camara (26 de novembro de 1569) tendo despachado todas as cartas e papeis para levar manuel leitão a el Rey noso sör e pº aº hũ dos mesteres o dito manuell leytão dise q̃ ele naõ Avla de Jr a corte sã dirº ou que lhe busquasẽ edesẽ pynhores de prata para o elle buscar para sua despesa e acentasẽ e decrarasẽ o q̃ lhe davaõ por dia para sua despesa e logo se asentou que desẽ ao dito manuel leytão para sua despesa quinhentos rês por dia e a pº aº a cento e cinquenta rês por dia e por o tezoureiro da cidade não ter dinheiro lhes foy entregue a poeyra de prata pequena e o tinteiro e campaynha tudo de prata desta mesa e asynarão aquy Jº glzº o espyvu».

Os dois mensageiros da câmara bem sabiam que iam arriscar a saúde e a vida indo a Lisbõa, ao foco mais empestado do reino e porisso exigiam que ao menos lhes pagassem a viagem e passadío. O ano corria sáfaro, as despesas foram muitas com a defesa sanitária, daí a câmara vêr-se sem recursos e na dolorosa emergência de penhorar... Pobre e sem crédito, a câmara foi chamada a apresentar-se em Lisboa, no praso de dez dias, sob pena de ir toda para ferros del-rei.

A história não acaba aqui, e adivinho a vossa curiosidade sobre o desfecho do conflito entre a câmara e o desembargador.

Posso satisfazer essa justa curiosidade, mas fica para o próximo número.

A. da Rocha Brito.

CONFLITO ITALO-ETIOPE

(Conclusão)

S. D. N. impôr-se, evitando a guerra como forma de relações entre os povos, na certeza de que na tranquilidade da paz, o mando progredirá e caminhará decerto, senão para melhores tempos, pelo menos para menores calamidades.

Mas... e a Itália? Craxará os braços e aceitará a imposição das restantes nações?

E a Abissinia?

No entanto, amanhã, novos factores das mesmas causas de ambições, necessidades e susceptibilidades provocarão, de novo, a guerra: um país que se deseja expandir nam *território seu*, para o que terá de o conquistar aos outros; um preconceito de raças; uma colónia que se deseja emancipar; a posse das minas, do pórtio, dum caminho de ferro... que sabemos nós?... qualquer coisa accidental, fortuita, será a centelha que pode fazer explodir os barrís de pólvora que os países tem guardados nos seus poios ou nos seus armazens de munições e armamento... para serviço da causa da paz.

Falcão Machado

A Academia e os desportos

Ninguém ignora, certamente, os benefícios que o desporto, quando convenientemente encarado, proporciona àqueles que o praticam.

E assim em alguns países mais ricos que o nosso a causa desportiva, nos meios universitários, merece a melhor atenção dos governos.

Entre nós é o «foot-ball» o desporto que mais se pratica e todos sabem que não é o mais proveitoso; mas, naturalmente mais acessível a recursos frágeis, desenvolveu-se extraordinariamente e tem grande simpatia na opinião pública.

A Direcção da secção desportiva da Associação Académica, não se poupando a esforços, conseguiu inaugurar o ano passado, no seu campo de jogos, a primeira piscina de Coimbra. E assim, com esta importante iniciativa, começaram a aparecer os nadadores, alguns revelando desde logo grandes qualidades, pelo que às equipas de foot-ball e de atletismo, que a A. A. há muitos anos possuía, veio agora juntar-se uma equipa de natação, que já este ano disputou com galhardia algumas provas entre nadadores consagrados no desporto português.

E' a natação, no dizer de abalizados críticos, o desporto por excelência, o melhor dos exercícios físicos. Por isso, a A. A. não desanimará e, cada vez com mais entusiasmo, procurará desenvolver neste sentido a cultura física dos seus associados.

Avelar - Camiseiro

Casa especializada em
Camisaria e Malhas

42 - Rua Visconde da Luz - 42
COIMBRA

AGENCIA FUNERARIA

Encarrega-se de funerais completos de todas as classes, em Coimbra, arredores ou qualquer ponto do país, por preços módicos. Urnas de mogno, pau santo e outras madeiras. Coroas, bouquets e flores artificiais. Transferências para todos os cemitérios do país ou estrangeiro, encarregando-se de toda a documentação, tendo para este fim um Auto-Funebre envidraçado, moderno, armado em camara ardente.

VIUVA ANTONIO MARIA PINTO, SUCESSOR

Sucessor seu genro **BARTOLO GOMES PEREIRA**

Rua dos Esteireiros, 13 a 17 COIMBRA

Detrás da Igreja de S. Bartolomeu

Chamadas a qualquer hora para o telefone 403

GRANDES ARMAZENS

DE MALHAS, MIUDEZAS,
QUINQUILHERIAS, PAPELARIA,
MODAS E NOVIDADES

**Magalhães
& Conde, L. da**

(Casa fundada em 1900) — Tel. 337

19, PRAÇA DO COMERCIO, 21
COIMBRA

**Marca pelos seus baixos
preços**



Cinemas

Avenida

SABADO — Escandalos Romanos
com Eddie Cantor

Sousa Bastos

DOMINGO — O grito selvagem
com Eddie Cantor